

revista

Gente

de

PALAVRA

nº 14



# TAÇÓ!

# W

# O

# R



---

Adélia Eisenfeldt Alexandre Lettner dos Santos Ana Soares Aron dos Santos Pereira  
Benette Bacellar Carmen Silvia Presotto Celso Sant'Anna Cláudia Gonçalves Felipe Magnus Jeane  
Bordignon Juli Bauer Leandro Durazzo Lota Moncada Maria Regina de S Alves Mateus Grava Nairana Melo Neli  
Germano Pedro Marodin Pero Vás Ribeiro Pedreira Ricardo Mainieri Thais Gischkow Vinícius de Moraes

---

*\*19/10/1913 + 09/07/1980*

Ainda hoje se vê gente usar o apelido *Poetinha* para diminuir a importância de Vinícius de Moraes. Um poeta que ousou fazer letras de música e virar sucesso popular – e sucesso, no Brasil, é coisa que muita gente considera incômoda.

Vinícius era maravilhosamente simples. Seus sonetos são tão perfeitos quanto os de um Bilac em relação a métrica e ritmo, com a qualidade de manter o que Pound chamava de diretidade da linguagem, ou seja, não faz aquelas inversões e malabarismos linguísticos para adequar as tonicidades do verso. Sua linguagem é cotidiana e sua musicalidade soa natural.

A simplicidade de Vinícius engana. Ele foi um intelectual e tanto, com um profundo conhecimento de literatura e de suas técnicas, mas não fazia alarde disso, preferia usá-las na construção de poemas e letras de profunda musicalidade, que se destacavam por um lirismo doce e carinhoso. Vinícius de Moraes é Gente de Palavra.

# Vinícius de Moraes

RMM

Gente de **AVRA**

*Drummond, Vinícius,  
Bandeira, Quintana e  
Paulo Mendes  
Campos no quintal da  
casa de Rubem  
Braga, Uma  
verdadeira academia  
Brasileira de Letras  
teria que ter incluído  
todos estes.  
Não foi isso que  
aconteceu.*





## Soneto de separação

De repente do riso fez-se o pranto  
Silencioso e branco como a bruma  
E das bocas unidas fez-se a espuma  
E das mãos espalmadas fez-se o espanto.

De repente da calma fez-se o vento  
Que dos olhos desfez a última chama  
E da paixão fez-se o pressentimento  
E do momento imóvel fez-se o drama.

De repente, não mais que de repente  
Fez-se de triste o que se fez amante  
E de sozinho o que se fez contente.

Fez-se do amigo próximo o distante  
Fez-se da vida uma aventura errante  
De repente, não mais que de repente.

*Vinícius de Moraes*

*Oceano Atlântico,  
a bordo do Highland Patriot,  
a caminho da Inglaterra,  
setembro de 1938*

## Nu

na pele crua  
a verdadeira face  
face à carne  
faz-se nua

farto  
o homem  
em descaminhos

revira o lixo da história  
procura pétalas  
— asas escassas

na sorte da rua  
colhendo migalhas  
da própria amargura

sem lume  
e nenhum perfume  
volta ao beco  
ainda oco  
de tanto eco

*Cláudia Gonçalves*



# Despetalar

quando sou flor  
penduro-me num galho do vento  
e deixo que ele me leve  
algumas peças da veste

talvez uma formiga  
leve pra casa o meu perfume  
e parte de mim se torne incenso  
e a mesma parte, alimento

*Ribeiro Pedreira*



## O Vestido de Noiva

Achou um vestido de noiva no brechó  
pagou seu preço sem dó

Saiu dali vestida  
pelas ruas e avenidas

Toda de branco  
estava linda

Felicidade escancarada na cara  
algumas rosas roubadas fizeram seu buquê

Era seu sonho se realizando  
cantava em alto e bom som a marcha nupcial

Abria os braços e dizia que aceitava  
casou-se com sua auto estima e amor próprio,

Disse que ia se amar e se respeitar  
na saúde na doença

Na riqueza e na pobreza  
sem problemas,

Na tristeza muito mais,  
ia se amar mesmo triste!  
até que a morte lhe separe

Sua lua de mel foi viajando  
dentro de seus sentimentos  
mais belos

Foi feliz para sempre  
nem a morte lhe separou...



# Portal

De forma triunfal,  
as damas da ancestralidade  
acessam o portal.

Tum tum tum tum tum  
Aê aê aê aê aê aê aê

Manifestam-se para ascender uma  
nova chama, resgatar a memória,  
desmistificar o mal-dito.

As mulheres que zanzam nas  
sombas, à procura de si,  
dançam com as velhas sábias,

as ouvem – aspiram seus cheiros,  
as incorporam – anseiam  
e insinuam-se a um novo fecundar.

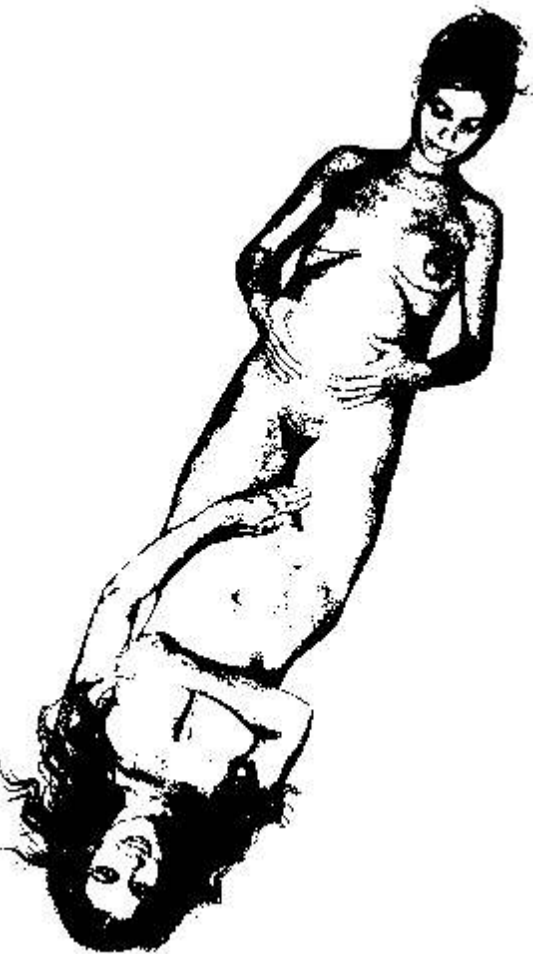
E de mãos dadas (em silêncio de flor),  
a pelve desabrocha e das coxas  
das velhas sábias é parida uma nova mulher.

É o êxtase do renascimento.  
Assim se aproximam das deusas Bast,  
Deméter e de tantas outras mãos esquecidas.

Tum tum tum tum tum  
Aê aê aê aê aê aê aê

Em paz, as damas da ancestralidade  
retornam às suas origens,  
deixando um suave perfume no ar.

*Neli Germano*



somos só  
eu e meu amor no mundo  
somos vagabundos caminhando  
sem parar  
somos pés, mapa, estradas  
neblina em que na alta madrugada  
sumiremos  
eu e meu amor no mundo  
somos eu e meu amor no mundo  
cremos eu e meu amor no mundo  
que virá

*[para Jack Kerouac,  
poema na viagem pras três pontas]*

*Leandro Durazzo*

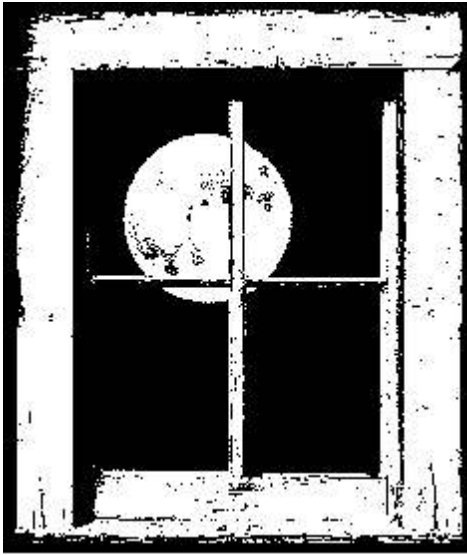
## Gota vermelha

inebriada pela lua de outono  
bebeu o que restou do vinho dele

escorre a gota vermelha  
suave como língua no pescoço

magia que ninguém  
desconfia

*Benette Bacellar*



## Rosa

Não teve jeito  
O defeito foi dopado  
Era escandalosamente brejeiro...  
Forma de ser doce e ágil  
Inescrupulosa até  
Doses elevadas de sonolência  
Era a essência das pilulas rosa  
Uma vez à noite, sem prosa  
Desde então  
Os dias vertiam mormaço  
Miragem em pleno deserto  
De certo por conta da calma rosa  
Em simbiose com o sangue vermelho  
As noites ficaram mais longas  
Dominaram parte do dia  
Vivia sonhos atrás de sonhos  
Pesando o pensamento confuso  
Feito lago tranquilo, a fala era neutra  
Pouca, sem turbulências ou viço  
Tudo calmo... sem vento ou  
Invento, intento  
Ou vida... tudo linear  
A letargia nos movimentos...  
Era melhor nem tentar...  
O mundo parecia rosa  
Ela ficou rosa  
Rosa morreu  
Sem ar.



## Nova

amanheci  
grávida de árvores  
tronco nu  
tímidas flores  
despontando,  
vento de primavera  
nem alegre  
nem triste  
apenas nova

*Lota Moncada*

## Chuva

Lava pedras  
rasga sonhos  
quebra ventos  
dissolve sentimentos

visita a casa  
resgata solidão  
entrelaça graça  
verdeja saudade

na soberba tarde  
a flor amarela  
presente na janela  
ao abrir

restos de cor  
deixa cair.

*Adélia Eisenfeldt*

## Cantação

Cada canto teu  
É um conto  
Um lamento  
Ou um rebento  
É uma faísca  
De uma vida  
Entre um e outro dia  
É história de gente  
Sempre  
Ouço a mulher, o homem  
O menino, o ancião, o que tem fome  
O que geme, o que suspira  
O que se faz água, o que se torna fogo  
O louco, o incerto, o tolo, o terno  
O suave que fere, o bruto que conserta  
O improvável por vezes tão exato  
Que não poderia ser imaginado  
O mais humano ao mais insano  
Cada um deles conta  
O que mais lhes habita, lhes incita  
Quando essa tua voz canta  
É deles, embora intensamente tua  
A chama  
No canto  
Do teu conto  
Em cada ponto  
Do teu cantar.

*Jeane Bordignon*



## A Bala

A bala  
abala  
a bela  
à bala

## Explicação sensorial

A bala perdida  
Procura um sentido  
Entra pelo olho  
Sai pelo ouvido

## Brinde

A bala mira a vida  
E de brinde  
Ganha outra  
Dentro da barriga

*Celso Sant'Anna*

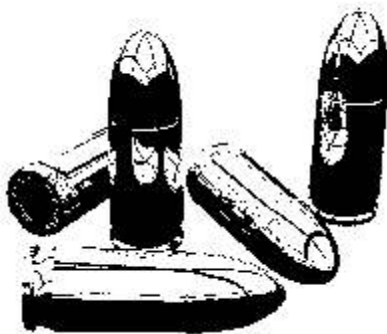
## Yo Soy La Muerte

O verbo ser  
é só um improviso  
do ser  
humano

nada em nossas vidas  
supera a permanência  
e o peso de sermos

nós realmente somos  
nossas próprias mortes

*Felipe Magnus*





# Confesso que bebi

Diz aí bem alto com a coragem que tua mãe te ensinou se não me amas.

Diz que não gosta tico algum mais de mim.

Jura de pé junto sem cruzar dedinhos que não me queres dar mais carinhos.

Fala grosso, homem, não se fine, não desafine, não rime, isso beira o crime.

Diz pra mim meu mais querido

que não és homem pra mim,

que não sou mulher pra ti.

Diz duma vez, bate à porta e sai,

mesmo assim só de cuecas

e - escandaloso e preguiçoso! - de meias...

Só falta a gravata.

Era tanta bravata

e agora ficas aí, mudo, taciturno, ofendido,

apenas porque não se fez erguido...

Isso acontece nas melhores famílias dos Jardins e de Chicago...

E nos piores puteiros de beira de estrada.

Não és único, raro, nem primeiro.

Diz que não te faço homem como queres ser,

que não sou mulher demais pra tua mochila.

Diz logo, desembucha

ou me junta desse chão frio,

onde meu corpo caiu,

embora minh'alma voe alto,

do jeito que sempre voei.

Te esperei.

Te fiz os mimos que gostas.

Te beijei,

te beijei,

te beijei,

te beijei,

em todo lugar do corpo firme, lindo que tens...

E ficas aí feito dois de paus

(Arre, que figura desastrada fui arranjar!)

E não é que me dou por conta que não vais te mexer,  
sendo apenas retrato, estátua, figura concreta de jardim,

embora não o quisesse assim,

assim é que és, ainda, só.

Dia desses atravessas a dimensão dos meus sonhos

e me atravessas em riste

e eu estou de unhas pintadas de carmim...

e te arranho, te dou banho,

te faço um gato manso, meigo, doce, vigoroso, viril

que nem vais lembrar mais da mamãe que te deu à luz.

Serei apenas eu, então...

e teu caminhão de amor por mim.

*Juli Bauer*

O para sempre  
sempre termina  
E memória sempre  
é recente.  
Se lembra  
de ontem?  
Ontem acabou  
tão recentemente  
que acabou  
virando memória  
para sempre.

*Nairana Melo*



## Breve canto de alienação

Troco meu voto, doutor  
por uma porção de asfalto  
por um lanche mais farto  
por promessas e tapinhas nas costas.

Só tenho isto, doutor  
meu voto e não sou devoto  
de teorias & ideologias  
quero o imediato, no ato.

Talvez mais tarde  
eu me arrependa.

Quem sabe seu governo  
fique só no discurso  
e esqueça a luta dos pobres  
e me negue luz e saneamento  
e avilte meu salário.

Não me sentirei otário  
na hora a pavimentação do beco  
era mais importante  
tinha fome e o lanche foi ótimo.

Obrigado, doutor

*Ricardo Mainieri*



# Travessia

É chegada a hora.  
A hora aflita que antecede ao grito;  
Que, apesar de confusa, te obriga a ordenar os pensamentos.  
Que, apesar da tristeza, te obriga a levantar a cabeça.

A sorrir pelo outro;  
A viver, mesmo em pedaços – já que alguns deles se perderam pelo caminho...

Esta hora, acreditem:

É a hora santa!

Hora dos "filhos de Deus";

É a hora da fé, da força, do poder oculto dentro da alma.

Do chamamento por mudanças;

Da lavagem da alma;

Da renovação do espírito.

É a hora em que tudo acontece...

A hora da travessia.

*Ana Soares*



Lotada desse vazio  
Por aqui de tanto nada  
Vazio até a boca  
Transbordante  
Vazio  
Afoga-me  
Em nada

*Thaís Gischkow, em 21/10/2013*





## Versares

Há momentos  
em que o coração canta

se aninha  
ama

escuta,  
do verso  
denota

realinha  
o impulso  
do peito  
brinca  
e rima

acarinha

algodão  
ao vento  
feito sonho  
corpo afora,  
chama...

Há momentos  
em que o coração flana

ao Amor escuta,  
e em algum poema,  
plana...

*Carmen Sílvia Presotto – Vidráguas!*

## Falsidade

Gosto azedo na pele, cevada, cachaça.  
O porre que ainda não veio  
se faz ressaca.  
O porvir, já exagero, me enoja.  
Cansado de tanto amor, de amar,  
faltam-me as cinzas do cigarro de um amor real;  
o trágico.

As lágrimas de sangue sejam vinho.  
As gotas negras da caneta que escolhi,  
estando ali, esquecida, como eu,  
transfigurem-se arte.

*Mateus Grava*



Teu nome morre lentamente  
Na boca da família, dos amigos.  
Ontem tu eras,  
Hoje tu "ex".

*Alexandre Lettner dos Santos*



## Poema tântrico

fim  
de tarde  
o sol se põe,  
o céu vermelho  
anuncia a hora  
de acender  
as lamparinas.  
Como um sonho,  
te vejo chegando  
sorrindo e linda,  
caminhando envolta  
pelas brumas e vestes  
da paixão, me pegando  
pelas mãos e me  
levando para celebrar  
e consagrar o reino  
do teu altar

*Pedro Marodin*  
(do livro *Buquê de flores*)

## Perfume do corpo

Horas matutinas  
de desassossego,  
horas eternas  
entre os canteiros,  
horas redondas  
rodando no peito...

O que foi feito  
do perfume,  
Lírio Perfeito,  
que em ti se aspirava?

Soltou-se do corpo,

corporificou-se em água,

transmutou-se em nuvem,

perdeu-se no vento  
inodoro...

*Pero Vás*



Editado e impresso em Porto Alegre por Gente de Palavra Microeditora  
www.gentedepalavra.com.br  
gentedepalavra@hotmail.com

Esta edição: 100 exemplares  
Revisão: Estevão Cogoy (IEL) e Michelle Hernandez (Gente de Palavra)  
Redação, projeto gráfico e diagramação: Renato de Mattos Motta

Conselho Editorial:  
Daniela Damaris Neu e Erivoneide Barros

Porto Alegre, novembro de 2013.

APOIO:

